



# A influência da voz do professor disfônico no processamento da linguagem oral de alunos

Ana Carolina A. M. Ghirardi\*

Leslie Piccolotto Ferreira\*\*

Rogerson J, Dodd B. Is there an effect of dysphonic teachers' voices on children's processing of spoken language? *Journal of Voice* 2005; 19:1, 47-60.

O artigo trata de uma análise realizada sobre os possíveis efeitos que uma disфонia na voz do professor poderia causar na aprendizagem de seus alunos. Muito se estuda sobre as causas, prevalência e principais condições físicas, sociais e ambientais que poderiam causar disфонia na categoria profissional de professores, mas o efeito que isto causa na aprendizagem ainda é pouco estudado. Neste estudo, as autoras realizaram uma pesquisa submetendo alunos de uma escola na Inglaterra à escuta de uma voz controle, uma voz moderadamente disfônica e uma voz severamente disfônica e a compreensão desta informação foi avaliada posteriormente. Considerando que no Brasil é muito alto o número de profissionais que continuam trabalhando em sala de aula apesar das alterações vocais, este estudo é uma importante justificativa para que as atenções também estejam voltadas para esta outra consequência da alteração de voz do professor.

Na introdução do artigo as autoras comentam que os professores constituem uma categoria com alta prevalência de distúrbios vocais. No entanto, assim como na realidade brasileira, durante a sua formação, pouca atenção é dada à voz como um dos seus principais instrumentos de trabalho, e são raras as instruções e recomendações a respeito com os cuidados e sintomas de alteração vocal. As autoras salientam também que as professoras que conseguem ter variações de parâmetros vocais

como *pitch* e *loudness*, prendem mais a atenção dos alunos. Esta variação de parâmetros pode ser muito afetada por uma disфонia, além de parâmetros como a articulação que também estão comprometidos e diretamente relacionados à inteligibilidade de fala. As autoras comentam que as crianças entre 6 e 12 anos têm menor flexibilidade nas estratégias perceptuais, por isso, hipotetizam que crianças sujeitas a uma qualidade vocal deteriorada têm mais chances de ter habilidades de processamento de fala reduzidas. Comentam também que em ambientes ruidosos como algumas salas de aula, o professor deve elevar o volume de voz para ser compreendido pelos alunos, e que, para um professor disfônico, isso se torna mais difícil, se não impossível.

Assim, o objetivo do estudo foi investigar a existência de comprometimento na compreensão de alunos que escutaram uma professora com voz normal, moderadamente e severamente disfônica, e verificar se há diferença na performance desses alunos conforme a severidade da disфонia do professor, e se há interferência das variáveis Quociente Intelectual (QI) e sexo na compreensão com estes estímulos.

Os sujeitos da pesquisa foram 107 crianças (55 meninas e 52 meninos), todos entre 9 e 10 anos de quatro escolas primárias de uma mesma região da Inglaterra. Os alunos foram submetidos a teste de QI (TONI-3) com desempenhos variando entre 72 e 118 pontos. Os sujeitos também realizaram um

\* Fonoaudióloga, Especialização em Voz, Mestre em Fonoaudiologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. \*\* Mestre em Linguística ao Ensino de Letras pela PUC-SP e Doutora em Distúrbios da Comunicação Humana pela Universidade Federal de São Paulo (EPM). Professora Titular do Curso de Fonoaudiologia da PUC-SP.



teste de audição e todos obtiveram limiares dentro da faixa de normalidade.

Uma fonoaudióloga especialista na imitação de vozes disfônicas leu três passagens de um texto selecionado de acordo com a idade dos sujeitos, com três qualidades vocais diferentes, avaliadas como 'controle', 'moderadamente disfônica' e 'severamente disfônica' segundo a aplicação da escala GRBASI. Uma gravação do ruído de fundo de uma sala de aula da série dos sujeitos também foi realizada para ser disparada junto com a gravação das passagens, melhor reproduzindo, assim, a acústica em que os sujeitos normalmente escutam seus professores. Após escutar cada uma das passagens, os alunos deveriam responder a seis questões de múltipla escolha referentes à compreensão do texto.

Após a análise estatística, verificou-se que o gênero, a escola e o QI dos alunos não foram relevantes na compreensão dos textos. No, entanto, os sujeitos se saíram significativamente melhor na passagem lida com a voz considerada controle do que nas vozes consideradas disfônicas ( $p < 0,001$ ). Não houve diferença estatisticamente significativa entre as vozes disfônicas de graus moderado e severo na performance dos alunos. Desta forma, ressalta-se o fato de que mesmo um grau menos severo de disfonia afeta prejudicialmente a compreensão do conteúdo por parte dos alunos. Na discussão, as autoras comentam que uma vez que a prevalência de disfonia entre os professores tende a ser muito grande, o número de crianças afetadas pelo problema de voz do professor é ainda maior. Assim, comentam também que os dados da pesquisa apontam para a necessidade de maior ênfase a um treinamento vocal adequado aos professores durante sua formação, uma vez que a disfonia do professor é uma questão de saúde e também educacional.

Entende-se que embora seja difundido o conhecimento de que os professores são alvo da maior parte de pesquisas na área da voz profissional e que seja uma das maiores proporções de indivíduos que apresentam distúrbios vocais, esses profissionais não são aqueles que mais buscam ajuda ou conhecimento sobre a voz e eventual tratamento quando necessário. No Brasil, o problema de voz faz parte da cultura da profissão, e observa-se que muitos professores continuam a exercer suas funções apesar dos sintomas vocais como: rouquidão, cansaço ao falar, sensação de esforço vocal, entre

outros. Dessa forma, uma vez que o efeito negativo da voz disfônica comprovadamente compromete a compreensão e o desempenho dos alunos, pode-se considerar este fato um viés na motivação dos professores a cuidarem melhor de sua saúde vocal, e para que coordenadores dos cursos de formação de professores incluam em suas atividades curriculares disciplinas básicas sobre saúde da voz.